

CAPÍTULO 4
A FLOR DA ESPERANÇA

Agora temos de enfrentar a questão realmente espinhosa, que representa o ponto mais sensível para todos nós, enquanto filhos da cultura dita ocidental.

1. Uma necessidade de certeza

Como é que nós, que vivemos nesta época, nesta cultura – penso principalmente nos jovens, que por um lado estão familiarizados com os esquemas da racionalidade calculadora da ciência e da técnica, e por outro vivem uma impaciência em relação a tudo o que não é imediato e mensurável, que lembra doutrina –, podemos alcançar a certeza sobre Cristo? Hoje essa exigência é sentida de modo particular, quem lida com os jovens sabe bem. Giussani a identificara com antecedência, e agora tal exigência ficou ainda mais forte. Hoje já não há nenhum impulso inercial à fé cristã. Lucio Brunelli escreveu recentemente em *L'Osservatore Romano*, falando dos jovens atuais: «Cristo, morto e ressuscitado, salvação do homem. Você pode gritar esta verdade no rosto dele, [...] mas esse jovem talvez olhará para você com [...] indiferença», como que diante de algo «incompreensível».¹ A fé cristã já não é um fato social, uma premissa óbvia, não nos é entregue junto com a educação; por isso somos “obrigados” – felizmente, digo eu – a redescobrir como chegar lá, em certo sentido somos obrigados a uma fé razoável, bem fundamentada.

Perguntemo-nos: em que se apoiava a fé dos primeiros que seguiram Jesus? O mesmo vale para nós agora. Desde o início de sua obra educativa, Giussani advertiu muito vivamente a urgência da razoabilidade da fé. É mais uma forma com que se evidencia a graça do carisma, a pertinência às nossas exigências de homens de hoje (imersos como estamos numa incerteza da qual não sabemos como sair) da graça dada a Dom Giussani. A realidade nascida dessa graça tem como único intento – dizia no trecho citado – testemunhar a razoabilidade da fé, isto é, o fato de Cristo responder melhor do que qualquer outra proposta às instâncias profundas da nossa humanidade. A adesão de fé é razoável, com efeito, na medida mesma em que o acontecimento de Cristo se revela correspondente às exigências estruturais da consciência humana. E «a proposta aos jovens constitui um teste muito claro»² da consciência ou da falta de consciência dessa urgência de razoabilidade.

O que é preciso para que as pessoas – jovens e adultos – possam descobrir a razoabilidade da fé?

* No prelo.

¹ L. Brunelli, “As igrejas vazias e a criatividade de Deus”, *clonline.org*, 13 de maio de 2021.

² L. Giussani, “Il ragionevole ossequio della fede”, entrevista concedida a A. Metalli, *30Giorni*, op. cit., p. 40.

No Sínodo sobre os leigos de 1987, Giussani afirmou: «Ao homem de hoje, dotado de possibilidades operativas como nunca na história, custa muito perceber Cristo como resposta clara e certa ao significado de sua própria engenhosidade. As instituições muitas vezes não oferecem tal resposta de forma vital. O que falta não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio. O homem de hoje espera, talvez de maneira inconsciente, a experiência do encontro com pessoas para as quais o fato de Cristo é uma realidade tão presente, a ponto de terem suas vidas mudadas. É um impacto humano que pode sacudir o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus olhou para cima e disse: “Zaqueu, desce depressa! Eu devo ficar na tua casa”».³

O ponto de partida é a experiência de um encontro. Como há dois mil anos. Não pode ser diferente hoje, pois já não seria cristianismo. «É essa a grande inversão de método que marca a passagem do senso religioso à fé; não é mais uma busca cheia de incógnitas, mas a surpresa de um fato acontecido na história humana.» Os testemunhos citados ilustraram isso. «Essa é a condição sem a qual não se pode sequer falar de Jesus Cristo. No momento em que se toma esse caminho, Cristo se torna familiar, a relação com ele começa a se assemelhar à relação da pessoa com os próprios pais e, ao longo do tempo, passa a constituir a própria pessoa.» Da experiência do encontro com a humanidade d’Ele – que tem o rosto e o aspecto de pessoas concretas, de uma dada companhia – somos conduzidos, graças à correspondência experimentada, «à grande questão da Sua divindade».⁴

A urgência da razoabilidade da fé diz respeito a pessoas de todas as idades – crianças, jovens, adultos – e condições de vida.

Em relação ao problema apresentado, é significativo e emblemático o que escreveu uma universitária: «A questão da certeza acerca de Cristo é uma questão aberta para mim. Depois de tantos anos no Movimento, o momento da Missa e da Comunhão é para mim um momento de profundo incômodo, porque não acredito mais. Sou grata aos meus amigos do Movimento pela intensidade de vida que ciclicamente volta a me retomar, mas não posso censurar que o Movimento se baseia no fato “incrível” de Cristo, incrível para mim, que não consigo aceitar. Pergunto-me: como é que Cristo pode estar ali, como é que pode estar em mim? Não entendo onde e em quem Cristo esteja, se todos nós somos humanos e limitados. Isso não me parece ceticismo, acho que é finalmente deixar de esconder o fato de que certas coisas não me convencem e não posso fingir que está tudo certo. É como se eu estivesse diante de uma roda de bicicleta: vejo todos os raios – os raios humanos, todos os fatos que me sucederam, as pessoas –, mas não consigo ver o centro desses raios, parece uma força e uma autossugestão. Eu vejo que o amor que experimento vem da minha mãe, do meu pai, dos meus amigos, às vezes mais, às vezes menos, e não entendo bem como é que Cristo entra a certa altura».

³ L. Giussani, *L’avvenimento cristiano*. Uomo Chiesa Mondo, Milão: Bur, 2003, pp. 23-24. Disponível em <https://portugues.clonline.org/arquivo/luigi-giussani/com-o-batismo-uma-criatura-nova>.

⁴ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 8.

Agradeço a essa amiga a audácia e a franqueza de seu pedido. Antes de mais nada, é o sinal de que está numa companhia na qual se sente livre para pôr as questões mais radicais. E, como todo mundo pode reconhecer, de forma alguma é óbvio que haja um lugar onde uma pessoa possa fazer suas perguntas, expor-se, arriscar sem temor.

Antes de entrar no mérito da questão posta, queria propor outro testemunho que se apresenta na mesma perspectiva.

«São tempos muito duros: muitas pessoas se infectam com a covid e muitas sofrem por doenças “comuns”, que não têm sido bem tratadas porque o sistema de saúde não tem dado conta como costumava fazer. Sem considerar as dificuldades econômicas, que para muitos têm se tornado importantes. O medo de viver e de morrer fere a carne e o coração inclusive de quem aparentemente não tem problemas significativos. Vive-se uma espécie de “suspensão” existencial, que provoca ansiedade, até mesmo angústia. Nesta situação é inevitável questionarmo-nos, mais do que antes, o que é que é realmente essencial. Na nossa Escola de Comunidade, temos nos questionado muito sobre isso e, para além dos afetos pessoais e do próprio trabalho, ao qual naturalmente cada um se apegava, todos acreditam na essencialidade da comunidade a que pertencemos. Mas aqui aparecem dúvidas, ao menos em alguns de nós, sobre o que isso realmente significa. Nós vivemos a comunidade carnalmente todo dia, não só no momento da Escola de Comunidade. É a nossa casa, é a fonte do conselho, do conforto, do apoio, também concreto. É o lugar do amor fraterno que tocamos. A grande dificuldade, eu chegaria a dizer, é com Deus. Alguns de nós vivem sem nenhuma dúvida a relação com Ele. Outros sentem uma necessidade d’Ele ardente, uma nostalgia inexaurível: a fé para eles não é simplesmente um confiar n’Ele e entregar-se a Ele, mas uma busca. Tornamo-nos buscadores de Deus, como o antigo povo de Israel, e temos medo: e se for só uma ilusão que construímos para nós, sem nenhum fundamento? Este é o grande medo! Ninguém jamais viu a Deus, mas podemos ver os sinais d’Ele, depois da vinda de Seu Filho, e isso deveria bastar-nos. Mas como posso confortar não só a mim mesmo, na escuridão do medo cotidiano, mas também ao amigo que já sofre concretamente na carne? Como posso contar-lhe de Deus? Como posso encontrar a paz que me permite enfrentar com tranquilidade e confiança cada circunstância, até a mais negativa? Como posso ter confiança na salvação olhando apenas para as pessoas que me circundam, sem vê-Lo e sem tocá-Lo? Sem Deus tudo perde o sentido, e isso é indiscutível. Mas como o desejo de fé pode tornar-se uma fé verdadeiramente vivida?»

Estes testemunhos expressam um grito. Não são pessoas cétricas, mas jovens e adultos que não se contentam com aquietar sua inquietação com uma resposta qualquer. São pessoas em que vemos vibrar a pergunta de Dostoiévski: «Um homem culto, um europeu dos nossos dias, pode acreditar, crer de verdade, na divindade do filho de Deus, Jesus Cristo?»⁵ Como todo gênio, Dostoiévski foi profético, antecipando aquela que se tornaria a urgência de todos.

O que esses «buscadores» pedem é um caminho para percorrer, a fim de alcançarem uma certeza razoável sobre o que encontraram. Sem tal certeza, a esperança desejada não encontra um

⁵ F. M. Dostoiévski, *Os demônios*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 1119.

fundamento adequado, e fica impossível para a liberdade aderir, a ponto de afeiçoar-se, à realidade mesma com que eles depararam. Mostra-se logo, de modo evidente, que o problema da esperança remete à certeza da fé.

À luz dessa urgência existencial, podemos identificar com mais consciência o método a que Dom Giussani nos introduziu, podemos dar-nos conta do seu valor, evitando confiná-lo nas prateleiras do já sabido, em nome de uma certa familiaridade com os conceitos. Seguindo-o, poderemos verificar se o caminho que ele nos indica leva cada um de nós do «desejo de fé» a «uma fé verdadeiramente vivida».

a) O método da certeza moral

Cada um a seu modo adverte a necessidade de alcançar a certeza sobre Cristo para conseguir encarar as próprias exigências de plenitude, de verdade, de justiça e os problemas com que a vida não para de nos solicitar. Foquemos então no pedido dos testemunhos: como conhecer, reconhecer Cristo com certeza? É a questão da fé, dissemos. Ora, a fé é uma forma de conhecer da razão – e não um sentimentalismo barato –: é o conhecimento de algo que não vejo, pela mediação de outrem; eu não vejo imediata e diretamente o objeto, mas venho a saber dele por uma testemunha. «A cultura, a história e a convivência humana fundam-se sobre esse tipo de conhecimento que se chama fé, [...] conhecimento de uma realidade através da mediação de uma testemunha.» Aqui nos interessa desenvolver a questão da fé num aspecto específico, «o aspecto maior da vida: aquele que diz respeito ao destino».⁶

Giussani continua em seu raciocínio: «Cristo, não O conhecemos diretamente, nem pela evidência nem pela análise da experiência», assim como há dois mil anos João e André não viam diretamente o divino naquele homem com quem haviam deparado, Jesus de Nazaré. Nós estamos na mesma situação. Uma vez que Cristo é o objeto total da nossa fé, surge a pergunta: «Como fazemos para conhecer Cristo de modo tal que possamos apoiar nele»⁷ a vida inteira? Se a fé é essa forma de conhecimento que se baseia na mediação de uma testemunha, o primeiro problema diz respeito a como atingir a certeza sobre a confiabilidade da testemunha em si.

Qual é o caminho a percorrer para alcançarmos uma certeza sobre uma pessoa? Entre os vários métodos com que a razão consegue chegar à certeza nos vários âmbitos da realidade, o que nos interessa aqui é o método relativo ao comportamento humano. Com efeito, um método conduz às certezas matemáticas, outro às certezas científicas, outro ainda às certezas filosóficas, mas há um quarto método da razão que leva a certezas sobre o comportamento humano, às certezas morais. De certo modo, ele é «comparável ao método do gênio e do artista», que alcançam a intuição da verdade a partir de sinais. «Quando Newton viu cair a famosa maçã, ela foi um sinal que fez irromper a grande hipótese. A partir de um pequeno sinal, o gênio induz uma intuição universal. O método pelo qual compreendo que minha mãe me quer bem, por meio do qual também estou certo

⁶ L. Giussani, *É possível viver assim?*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, pp. 26-27.

⁷ *Ibidem*, p. 42.

de que muitos são meus amigos, não é fixado mecanicamente, mas é intuído pela inteligência como único sentido razoável, único motivo adequado para explicar a convergência de determinados “sinais”. Multipliquem indefinidamente esses sinais, às centenas, aos milhares; o ponto do seu significado adequado é que minha mãe me quer bem. Milhares de indicadores convergem para esse ponto: o único sentido do comportamento de minha mãe é este: “minha mãe me quer bem”.»⁸

Em diversas ocasiões utilizei o exemplo da mãe, precisamente para evidenciar o método pelo qual se alcança uma certeza em relação ao outro: a leitura dos sinais. Se alguém me perguntasse: «Como é que eu posso saber que minha mãe me ama?», eu responderia: «Pode saber pelos sinais. Nem todas as pessoas fazem o que sua mãe faz por você». ⁹ Depois de ter visto tantos sinais, ao ser leal com tudo o que viu, você poderá reconhecer que tudo o que sua mãe faz só tem uma explicação, um único ponto de convergência – como os raios da bicicleta de que nossa amiga falou – que se chama amor. Você pode chamá-lo de X em vez de amor, mas ainda assim os comportamentos de sua mãe são sinais de uma afirmação incondicional pelo teu ser que te dá certeza sobre ela, permitindo que você confie nela. O amor não é algo que um detector possa um dia certificar com algum tipo de análise ou experimento: o amor é o sentido dos sinais.

Continua Giussani: «A demonstração para chegar a uma certeza moral é um conjunto de indícios cujo único sentido adequado, cujo único motivo adequado, cuja única leitura razoável é aquela certeza». Pode-se chamar «não só certeza moral, mas também certeza existencial», na medida em que «está ligada ao momento no qual você lê o fenômeno, isto é, intui o conjunto dos sinais. Por exemplo, tenho certeza de que a pessoa que está à minha frente neste momento não quer me matar; nem depois desta minha declaração ela desejaria matar-me, nem mesmo pelo gosto de demonstrar que estou errado. É um comportamento, é uma situação por cuja leitura chego a essa certeza. Mas não poderia afirmar tal certeza para um tempo futuro, se as características das circunstâncias mudassem!»¹⁰

Neste ponto, Giussani faz dois destaques importantes.

Em primeiro lugar, «eu estarei habilitado a ter certeza sobre você quanto mais eu estiver atento à sua vida, isto é, quanto mais compartilhar sua vida. Nesta medida, os sinais se multiplicam. Por exemplo, no Evangelho, quem pôde compreender que era preciso ter confiança naquele homem? Não a multidão que o procurava para ser curada, mas quem o seguia e compartilhava sua vida. Convivência e partilha!»¹¹ Se alguém está lá olhando e diz: «Que bom!», mas depois vai embora, perde tudo. Se não segue o impacto, o sobressalto que determinada presença lhe provoca, perde-o, perde o melhor do que lhe aconteceu. Se vê uma pessoa uma vez e depois não a vê mais, a percepção de verdade que teve pode desvanecer. Nós queremos entender depressa, antes de nos

⁸ Idem, *O senso religioso*, op. cit., pp. 41-42.

⁹ Observa von Balthasar: «Cumprer despertar, em quem levanta questões, o sentido elementar para o mistério e para seu respeito. Pois que a maior parte dos seres humanos já amaram ao menos uma vez, pode-se lembrar-lhes certas leis e experiências do amor e levá-los daqui até o amor de Deus» (H.U. von Balthasar, *Il chicco di grano. Aforismi*, Milão: Jaca Book, 1994, p. 42).

¹⁰ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 42.

¹¹ Ibidem.

implicarmos, sem nos envolvermos. Mas como podemos chegar à certeza sem nos envolvermos? Seria um fingimento. No entanto, ao nos envolvermos, seguindo o impacto experimentado, os sinais se multiplicam e a convicção se aprofunda. E, uma vez que a experiência não nos engana, se nós cairmos num erro, logo nos daremos conta: «Ah, não, não era isso o que tinha intuído».¹²

Em segundo lugar e inversamente, ressalta Giussani, «quanto mais alguém é potente em sua humanidade, mais tem a capacidade de perceber tudo com certeza. “Confiar é bom, desconfiar é melhor”, diz o ditado, e esta é uma sabedoria bastante superficial, porque a capacidade de confiar é própria do homem forte e seguro. O homem inseguro não confia nem na própria mãe. Quanto mais alguém é realmente homem, mais é capaz de confiar, porque intui os motivos adequados para crer no outro».¹³

b) Uma trajetória muito humana

Para conhecer uma pessoa, é preciso ter uma convivência com ela, como dissemos. A convivência requer tempo, e só quem estiver disposto a investir o tempo requerido poderá alcançar uma certeza adequada, razoavelmente fundamentada, em relação ao outro. Essa convivência no tempo exige, evidentemente, uma atenção aos sinais que essa pessoa oferece de si mesma. É uma trajetória muito humana, que tem um ponto de partida inconfundível. «Quando se encontra uma pessoa importante para a nossa vida, há sempre um primeiro momento em que o pré-sentimos; alguma coisa dentro de nós se curva à evidência de um reconhecimento iniludível: “é ele”, “é ela”».¹⁴

No início, num certo sentido, tudo já está presente, como diz a expressão «evidência de um reconhecimento iniludível». O caráter iniludível do reconhecimento talvez possa levar a pensar que o caminho já esteja completado, que um conhecimento definitivo já tenha sido atingido. Não é assim, como a experiência de todo mundo pode confirmar. Se queremos atingir a certeza sobre o outro, essa evidência é o início de um percurso que deve ser realizado. Por isso Giussani prossegue: «Mas só o espaço conferido à repetição dessa documentação confere à impressão um peso existencial. Isto é, só a convivência faz com que essa impressão vá penetrando cada vez mais profunda e radicalmente em nós, até que, num certo momento, torna-se certeza».¹⁵

A questão é a mesma, quer quando se encontra uma pessoa importante, em sentido amplo, quer quando se encontra Cristo, a companhia cristã. Para João e André, para Pedro e os demais, foi necessário esse caminho progressivo de conhecimento, feito de repetições, de sinais que se acumulavam, como para nós. «Esse caminho de “conhecimento” receberá muitas outras confirmações no Evangelho, isto é, terá necessidade de muita sustentação, tanto que a expressão “os Seus discípulos acreditaram n’Ele” será repetida muitas vezes, até o fim». Não podemos, nem é

¹² As “soluções aqui não são atingidas tanto com os raciocínios, senão principalmente com a razão, com a verdade mesma das coisas e com a experiência” (Guilherme de Saint-Thierry, “Natura e valore dell’amore”, 31, em Idem, *Opere/3*, Roma: Città Nuova, 1998, p. 97).

¹³ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 42-43.

¹⁴ Idem, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 72-73.

¹⁵ *Ibidem*, p. 73.

conveniente evitá-lo. «Esse conhecimento será uma persuasão que irá avançando lentamente e nenhum passo sucessivo desmentirá os precedentes: também antes haviam acreditado. A convivência confirmará aquela excepcionalidade, aquela diversidade que desde o primeiro momento os impressionara. Com a convivência, a cada nova confirmação vai se ampliando uma certeza.»¹⁶

A distância que intercorre entre a primeira percepção, a primeira impressão cheia de evidência, e a certeza implica a trajetória da «convicção numa repetição sucessiva de reconhecimentos, aos quais é necessário dar espaço e tempo para que aconteçam». É uma lei que não prevê exceções. «É tão verdade que o conhecimento de um objeto requer espaço e tempo, que, com maior razão, essa lei não pode ser desmentida por um objeto que se pretende único. Mesmo os primeiros a encontrar essa unicidade tiveram de seguir essa estrada.»¹⁷ Essa estrada também é necessária para nós. Cada um de nós pode decidir entre percorrê-la e deixá-la de lado. Tudo se joga na disponibilidade com que, aderindo à correspondência, ao impacto, ao sobressalto inicial que tivemos no encontro, verificamos o seu alcance, sem forçar, dando-nos o tempo necessário para atingirmos uma certeza.

c) Uma presença incomparável

É exatamente como sucede num relacionamento afetivo. De quanta convivência precisa a criança para chegar à certeza de que sua mãe a ama e de que nela pode confiar? Normalmente não levamos em conta esse processo só porque ocorre imperceptivelmente. O mesmo se dá na convivência com Cristo, com a realidade humana da Sua presença hoje; somos bombardeados todo dia não apenas por gestos e sinais parecidos aos de que uma mãe é capaz, mas também por sinais que têm dentro de si uma diversidade em relação aos que qualquer mãe naturalmente pode oferecer.

Leiamos o Evangelho segundo Marcos: «Tendo Jesus entrado novamente em Cafarnaum, alguns dias depois, ficaram sabendo que ele estava em casa. Ajuntou-se tanta gente que já não havia mais lugar, nem mesmo à porta. E Jesus dirigia-lhes a palavra. Trouxeram-lhe então um paralisado, carregado por quatro homens. Como, por causa da multidão, não conseguiam levá-lo até ele, abriram o teto, bem em cima do lugar onde estava e, pela abertura, desceram a maca com o paralisado. Vendo a fé que tinham, Jesus disse ao paralisado: “Filho, os teus pecados estão perdoados”. Alguns escribas ali sentados pensavam em seu coração: “Por que ele fala assim? Está blasfemando. Quem pode perdoar pecados senão Deus?” Jesus, porém, percebeu logo, no seu espírito, que eles assim pensavam interiormente e disse-lhes: “Por que pensais tais coisas em vosso coração? Que é mais fácil, dizer aos paralisados: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te, pega tua maca e anda’? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar pecados” – dirigiu-se ao paralisado: “Eu te digo: levanta-te, pega tua maca e vai para tua casa!” O paralisado levantou-se e, pegando logo a maca, saiu à vista de todos. Todos

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

ficaram admirados e louvaram a Deus, dizendo: “Jamais vimos coisa igual!”¹⁸

A cura do parálítico deixa os presentes sem palavras: «Todos ficaram admirados». Mas a dimensão desse maravilhamento é aumentada com a “pretensão” de perdoar os pecados. «Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar pecados – dirigiu-se ao parálítico: Eu te digo: levanta-te, pega tua maca e vai para tua casa!» Jesus os introduz no reconhecimento de uma coisa por meio de outra. E naqueles que assistem ao milagre abre-se uma brecha: «Todos ficaram admirados e louvaram a Deus». O que viram foi um sinal que remete a Deus, que age através da excepcionalidade da presença que tinham diante de si e que os fez exclamar: «Jamais vimos coisa igual!»

Ponhamo-nos no lugar de Pedro, André, João e dos outros que, estando todos os dias com Jesus, O viram curar o parálítico, devolver a vista ao cego de nascença, acalmar a tempestade enquanto estavam no barco. Não só isso. Ele tinha por eles e pelas outras pessoas, pela realidade inteira, um olhar diferente do de qualquer outro: incomparavelmente humano. Viam sinais tão concretos e irredutíveis quanto os de uma mãe, mas ao mesmo tempo incomparáveis: eram sinais de uma excepcionalidade, de uma presença que correspondia ao coração deles como nada mais. Eles também, como os outros, mais que os outros, diziam: «Jamais vimos coisa igual!»

Há um momento do caminho dos discípulos em que a certeza que haviam alcançado sobre a Sua pessoa e a consciência da Sua unicidade ficam explícitas. Revisitemos a forma como Giussani nos faz reviver esse momento.

Naquele dia, Jesus estava sendo seguido por uma grande multidão, que «para ouvi-lo falar nem mesmo se lembrava de comer, nem sequer sentia o cansaço». As pessoas o seguiam já fazia três dias. Chegando ao alto da colina, Jesus «viu aquele mar de gente que cobria os lados da colina... “e teve piedade deles”. [...] Sendo assim, disse aos apóstolos: “Fazei que se acomodem pelo chão”». Sentaram-se e Ele os saciou a todos. Diante deste último gesto, nos que iam atrás d’Ele para ouvi-Lo falar, de tão tomados que estavam por um fascínio irresistível, «a exaltação chega ao máximo e todos puseram-se a gritar a Cristo como ao rei que deveria vir». O dia seguinte era sábado, e para Ele era normal ir à sinagoga. Naquele sábado, «o trecho da Bíblia era o dos hebreus no deserto que tinham sido saciados por Deus com o maná. E Jesus disse: “Os vossos pais foram saciados com o maná, mas depois morreram. Eu vos trago um maná, eu vos trago um pão que quem dele comer não morrerá mais”. [...] “Dar-vos-ei a minha carne como comida e o meu sangue como bebida. E quem come deste pão e bebe deste sangue viverá eternamente”». Ao ouvirem essas palavras, a reação dos presentes, escribas e fariseus principalmente, explodiu violenta: «“Ouviram? É louco, é louco! Quem é que pode dar a própria carne como comida, o próprio sangue como bebida? É louco, é louco!” [...] Lentamente as pessoas seguiram os fariseus e os escribas e todos saíram da sinagoga». Mas um grupinho permaneceu: o grupinho daqueles doze. Ficaram lá, em silêncio. Jesus voltou-lhes o olhar: «“Vós também quereis ir embora?” Não atenua o inconcebível daquilo que dissera, mas insiste: “Vós também quereis ir embora?” Aí Simão, como de costume, fez-se porta-voz de todos,

¹⁸ Mc 2,1-12.

impetuosamente, e disse: “Mestre, nós também não compreendemos o que dizes, mas se formos embora para onde iremos? Só tu tens palavras – a verdadeira tradução deveria ser esta – que correspondem ao coração, que dão sentido à vida”. Mas que quer dizer palavras que correspondem ao coração? Palavras razoáveis! A razão é descobrir a correspondência. [...] “Eu não entendo isso, porém, se me afastar de Ele, ninguém mais me fala ao coração”». ¹⁹

Portanto, a reação imediata deles foi expressa pela boca de Pedro: «“Nós devemos seguir-te porque tu és a única pessoa, o único caso de tal maneira excepcional em que alguém fala de modo sempre correspondente ao coração. E se agora tu dizes uma coisa diferente significa que nós, por enquanto, não a entendemos. Tu a explicarás, nós a entenderemos amanhã, porém não podemos deixar-te por não entendermos essa palavra”. [...] E, com efeito, quem foi embora contradisse a si mesmo, foi embora contradizendo a si mesmo». Qual é a posição mais razoável? «A coisa justa foi o que fizeram Pedro e os seus outros amigos, seguiram-no do mesmo jeito: “Mesmo que não compreendamos, ninguém fala segundo o coração humano como tu, por isso, se nos afastarmos de ti, a quem iremos? Não há mais sentido na vida”». É esta, destaca Giussani, «a origem de uma postura afetiva. Os outros foram embora recusando-O, apesar do que tinham visto e ouvido; aquele grupinho permaneceu aderindo a Ele, seguindo-O: é o início do conceito de obediência que nasce [...] como postura razoável. [...] Era justo segui-Lo, pois do contrário deveriam renegar todos os meses precedentes em que tinham estado com Ele, em que se tinha tornado evidente para eles que aquele homem era diferente dos outros»». ²⁰

Vê-se claramente o caminho feito pelos discípulos, graças ao qual ficaram cada vez mais ligados a Ele. Ficavam a cada dia mais “tomados”. Jesus tornara-se o centro afetivo da vida deles. «A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustenta e no qual encontra a sua maior satisfação.» ²¹ É o mesmo caminho decisivo que nós somos chamados a fazer. Muitas vezes nestes anos me lembrei de uma frase que Giussani me disse numa determinada circunstância: «Olha, Julián, que no fim a diferença está entre quem fez um trabalho estável e quem não o fez».

¹⁹ L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., pp. 113-117.

²⁰ *Ibidem*, pp. 117-119.

²¹ Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II, II^{ae}, q. 179, a. 1.